

ANIMAIS DA MITOLOGIA CELTA NA POESIA IRLANDESA CONTEMPORÂNEA

CELTIC MYTHOLOGICAL ANIMALS IN CONTEMPORARY IRISH POETRY

Luci Collin*
Universidade Federal do Paraná

RESUMO

Com raízes na mitologia celta, a literatura irlandesa, desde seus ciclos mitológicos e sagas gaélicas da Idade Média, tematiza a intensa relação do homem com o animal. Já o épico *Táin Bó Cúailnge*, do século 8, narra a lendária história do Touro Marrom de Cooley; da mesma forma, a paródica saga *Scél Mucci Mic Dathó* descreve a disputa entre dois reinos por um cão de caça. Animais mitológicos ressurgem na literatura irlandesa pré-moderna, na histórica compilação da literatura oral realizada por Lady Gregory no século 19, ou na poesia de W. B. Yeats, no século 20. Como os animais mitológicos aparecem na poesia irlandesa contemporânea de, por exemplo, Seamus Heaney, Eiléan Ní Chuilleanáin e Nuala Ní Dhomhnaill, é o assunto aqui discutido.

PALAVRAS-CHAVE

Zooliteratura, poesia irlandesa, mito e poesia

Por atividades como a caça, ou pela necessidade da domesticação, desde o início de sua história o homem vive em íntimo contato com os animais; natural, portanto, que muitas histórias, mitos e lendas tenham surgido sobre toda sorte de criaturas, reais ou imaginárias – de unicórnios a pequenas aranhas –, desempenhando um papel importante na mitologia dos povos. Os animais mitológicos, representando os mistérios e o poder do mundo natural, ligados não só à origem do homem, mas à origem do mundo, exercem uma forte influência no imaginário humano e, frequentemente, e apresentam qualidades contrastantes: por um lado, podem surgir como ponte para a compreensão de elementos intrínsecos à existência humana, realizando feitos heroicos, como companheiros dos homens (restituindo-lhes a saúde ou trazendo-lhes alimentos), como mediadores entre o céu e a terra, como fonte de iluminação ao xamã; e por outro lado, podem estar relacionados a situações de destruição, de purgação de atos moralmente reprocháveis,

* luci_collin@yahoo.com

ou como representação do perigo. Muitos mitos exploram as relações entre humanos e animais que conversam entre si, lutam e até se casam; também comum é a transformação de um homem em animal ou vice-versa, numa transposição dos limites entre o universo humano e o universo de outras criaturas. Cumpre-nos aqui abordar a configuração dos animais na mitologia celta.

Os celtas, que habitaram a Irlanda, a Grã Bretanha, a Europa e a Ásia Menor por volta de 1200 a 400 a.C. dividiam-se em complexos grupos sociais com costumes religiosos diversificados. Caracterizaram-se como “bárbaros”, pela grande relação com a guerra e com invasões territoriais; contudo, também se desenvolveram como artesãos, construtores, agricultores e mercadores.¹ Como esse povo não deixou registros escritos, dependendo da transmissão oral de sua história, parte do conhecimento que temos da cultura celta vem de escritos e comentários de autores greco-romanos e de fontes cristãs. No mundo celta, religião e mitologia mesclam-se; esse povo teve mais de 400 deidades,² e que estavam associados à guerra, à caça, à fertilidade, à elevação espiritual, à colheita e a outros aspectos da vida. Nesse cenário de intensa sacralidade, os animais eram reverenciados ou temidos por representarem elementos e atributos importantes para a sociedade celta, sobretudo pelo interesse celta em rituais de crença na santidade do mundo natural.

Por fornecerem alimento aos homens e garantirem a continuidade da existência humana, os animais na mitologia celta, em sua maioria, estão ligados a fertilidade e à vitalidade, representando, também, uma ligação com a esfera dos espíritos e dos deuses. Vale aqui lembrar que quase todas as culturas xamanistas acreditam em *animais de poder*, que se acercam dos homens e os ajudam; são animais comuns – pássaros, peixes, ou outros – que mantêm sua aparência e comportamento inalterados, mas conseguem comunicar-se com os humanos, sobretudo com os líderes espirituais das tribos (xamãs, druidas, pajés), tornando-se seus protetores ou guias, tanto em jornadas espirituais a outros mundos, quanto em experiências no mundo físico. As lendas celtas demonstram que esse povo acreditava que a imagem dos animais aliados, ou animais de proteção, tinha o poder de afastar o perigo; assim, em manifestações primitivas de representação heráldica, os celtas desenhavam esses animais nas bandeiras e escudos que simbolizavam seus clãs (*Fianna*) e tatuavam os corpos com imagens do animal protetor do clã.

De acordo com a tradição celta, eram os animais que escolhiam o protegido e nunca o contrário. Eles costumavam aparecer quando necessário e desapareciam logo após a resolução de um problema. Animais específicos recebem associações específicas, de acordo com as características que apresentam. Na Irlanda, os animais mitológicos

¹ CUNLIFFE *et al.* observam: “... by the time of the migrations in the fifth and fourth centuries, much of western Europe, including Britain and Ireland, was using dialects of a language group which, since the seventeenth century, has come to be known, somewhat confusingly, as ‘Celtic’” (CUNLIFFE. *et al.* *The Penguin illustrated history of Britain and Ireland*, p. 30).

² Deuses e deusas locais ou que se espalharam por diversos lugares, como, por exemplo, Badb, a deusa da iluminação, Dagda, deus irlandês das artes, Danu, Mãe dos Deuses e Lugh, deus do Sol. Cf. GANTZ. *Early Irish myths and sagas*.

com maior carga simbólica são os pássaros, os peixes (sobretudo o salmão³), o touro (símbolo máximo de força, prosperidade e fertilidade; tinha tanto prestígio na sociedade celta que ali se enterravam os mortos junto a ossos de bois e vacas),⁴ a serpente (associada à sabedoria e à reencarnação, representa a natureza cíclica da vida, mas também pode representar o perigo e a infertilidade) e o porco do mato (assustador pela natureza feroz, simboliza a coragem e o ímpeto, além de poder inspirar seu protegido à composição de música e poesia). Para os celtas, as criaturas do ar estavam ligadas aos mundos inferiores e misteriosos e às transições de vida em morte; pássaros em geral significavam o conhecimento profético e a astúcia; já as criaturas da água se relacionavam a grande sabedoria e aos mistérios sagrados. Mas de que maneira a literatura registra o convívio entre animais e homens na sociedade celta irlandesa?

Ainda que a mitologia da Irlanda pré-cristã não tenha sobrevivido integralmente à conversão ao Cristianismo, boa parte dela se manteve na literatura medieval irlandesa, o mais abrangente ramo preservado da mitologia celta. Muitos manuscritos sobreviveram, entre eles as principais fontes da mitologia irlandesa, que são o *Lebor na hUidre* (de fins do século 11), o *Livro de Leinster* (de início do século 12) e o *Rawlingson B 502*. A maioria dos episódios narrados nesses fragmentos remonta ao século 8 (alguns versos podem ser até do século 5), e possibilitam a identificação de quatro ciclos mitológicos:⁵

O Ciclo Mitológico Irlandês – com histórias sobre os antigos deuses e sobre as linhagens dos irlandeses, como “O sonho de Angus”, “A sorte de Étain” e “A tragédia dos filhos de Lir” e histórias sobre os Tuatha Dé Danann, povo mágico capaz de mudar de forma, habitantes da ilha antes da chegada dos Gaels (milesianos).

O Ciclo de Ulster – datadas do início da Era Cristã, a maioria das histórias descreve os feitos de Conchobar mac Nessa, rei do Ulster, do grande herói Cúchulainn, filho de Lugh e do *Ulaid*, povo do nordeste da Irlanda. O ciclo relata o nascimento e o treinamento de guerreiros e suas ações em batalhas, muitas vezes ligadas à propriedade do gado. A história central do Ciclo é o *Táin Bó Cúailnge*,⁶ marcada por magia, mudanças

³ Criatura ancestral, sábia e mágica, o salmão domina o passado e o futuro e representa o conhecimento máximo. O Salmão da Sabedoria (*bradán feasa*), criatura mítica do Ciclo Feniano, está ligado à história de Fionn Mac Cumhaill, que, ainda na infância, após comer o peixe, passou a ter acesso a todo conhecimento adquirível tornando-se, no futuro, o líder do Fianna, o bravo exército de heróis celtas. Cf. ROLLESTON. *Celtic myths and legends*, p. 255-258.

⁴ Entre as mais conhecidas na mitologia celta é a história do Touro Branco de Connacht e do Touro Marrom de Ulster. Os líderes de Connacht e de Ulster se vangloriavam, cada qual alegando que seu touro tinha mais força. Depois de um acordo entre os líderes, os dois touros finalmente se confrontam em uma batalha sangrenta, cujo cenário foi todo o território da Irlanda. O Touro Marrom venceu, mas pagou com a própria vida, morrendo com o opositor. A morte dos dois touros trouxe finalmente a paz e o equilíbrio entre Connacht e Ulster. Essa história foi recontada como “Os dois touros” por Lady Gregory em uma publicação de 1902.

⁵ Gantz observa que, embora funcionais, essas categorias surgem como recurso moderno baseado em uma convenção interpretativa de um material que envolve tanto uma exacerbação do mito quanto uma certa corrupção da história. Cf. GANTZ. *Early Irish myths and sagas*, p. 22-25.

⁶ Cf. ROLLESTON. *Myths and legends of the Celtic race*, p. 136-137.

de forma, por um realismo cruel e pela presença de heróis super-humanos. Fonte importante para a preservação do *Táin Bó Cúailnge* é o manuscrito de fins do século 14, *O Livro Amarelo de Lecan*, que contém parte da mais antiga versão da história. O *Táin* reaparece no século 19 no longo poema de Samuel Ferguson “The Tain Quest”, e na tradução contemporânea de Thomas Kinsella (1969).

O Ciclo Feniano – traz histórias situadas em torno do século 3, ambientadas principalmente nas províncias de Leinster e Munster e que relatam os feitos de Fionn mac Cumhaill e seus bravos guerreiros, os Fianna.

O Ciclo Histórico Irlandês – registro feito pelos bardos medievais irlandeses das cortes, da história e genealogia do rei aos quais serviam, como o heroico e lendário Brian Boru. Entre todas as histórias do Ciclo a mais conhecida é “A loucura de Sweeny”, do século 12, que conta a história de Sweeny, rei de Dál nAraidí, amaldiçoado por São Ronan, que se torna uma espécie meio homem, meio pássaro e é condenado a viver oculto nos bosques. A história foi traduzida para o inglês moderno por Trevor Joyce e por Seamus Heaney.⁷

Contos desses quatro ciclos mitológicos literários serviram e servem de inspiração a escritores irlandeses. Muitas peças de teatro de John Millington Synge, de William Butler Yeats e do contemporâneo Vincent Woods, por exemplo, são baseadas nesses ciclos. Além do conteúdo dos ciclos, há histórias de aventura (*echtrae*) em outros mundos, histórias de viagens (*imrrama*), contos de jornadas pelo mar e contos folclóricos, muitos deles material compilado pela afamada dramaturga irlandesa Lady Gregory. Em relação à presença de animais tematizados na poesia irlandesa, temos uma extensa lista que vai de Jonathan Swift a Kate Newmann.⁸

Por fim, apresentamos três configurações de animais da mitologia celta que surgem na poesia irlandesa contemporânea. O primeiro deles é a lontra, que aparece no poema

⁷ Alguns dos poemas de Heaney ligados a Sweeney (“Sweeney louva as árvores”, “Sweeney sem rumo”, “Lamento de Sweeney em Ailsa Craig”, “Sweeney em Connacht”, “Último poema de Sweeney”) foram traduzidos para o português por José Antônio Arantes. HEANEY. *Poemas 1966-1987*.

⁸ Jonathan Swift (“The elephant” e “The beats’ confession to the Priest”), James Stephens (“The snare”), William Butler Yeats (“The cat and the moon”, “Long-Legged Fly”, “The wild swans at coole”, “To a squirrel at Kyle-na-no”, “Leda and the Swan” e “The collar-bone of a hare”), Katharine Tynan (“Sheep and lambs”), Austin Clarke (“The blackbird of Derrycairn”, “The lost heifer”), Patrick Kavanagh (“Ker’s ass”, “Pegasus”, “Plough-horses” e “To a blackbird”), Samuel Beckett (“The vulture”), Louis Macneice (“Nature notes”), Thomas Kinsella (“Leaf-eater”), John Montague (“The trout”, tematizando peixes mitológicos e a figura mitológica de Sweeny, transformada em pássaro, o “Mad Sweeny”), até os poetas irlandeses mais contemporâneos, como Michael Longley (“Swans mating”, “The spiderwoman”), Seán Ó Tuama (“A cat”), Seamus Heaney (“Cow in calf”, “Death of a Naturalist”, “The otter”, “The outlaw”, “The skunk” e “The widgeon”), Eamon Grennan (“On a cape may warbler who flew against my window”, “Cat scat” e “Four deer”), Ciaran Carson (“The albatross”), Medbh McGuckian (“Champagne”), Eavan Boland (“Elegy for a youth changed to a swan” e “The winning of Etaín”), Tom Paulin (“A rum cove, a stout cove”), Kerrie Hardy (“Animals and snow”), Eithne Strong (“To Lillie”), Celia de Fréine (“Cat”), Eiléan Ní Chuilleanáin (“The horses of meaning”, “The sun-fish”, “Woman shoeing a horse”), Paul Muldoon (“Mules”, “Cows”, “The frog”, “Turkey buzzards”), Justin Quinn (com a extremada visão sobre a extinção dos animais exposta em poemas como “The ‘O’O ‘A’A bird”) e Kate Newmann (“The wild cattle of Swona Island, Orkney”).

“A lontra” (“The otter”), de Seamus Heaney.⁹ Caçadora noturna, ágil e brincalhona, a lontra é um animal adaptado tanto à terra quanto à água (em alguns textos antigos é mencionada como “cobra d’água”). Ela aparece com frequência na literatura da Escócia (chamada de *dratsie*) e da Irlanda, inclusive em histórias sobre Reis Lontra, sempre acompanhados por outras sete lontras. Ao serem capturadas, essas criaturas realizariam qualquer desejo em troca de recuperarem sua liberdade. Sua pele também era disputada, pois, segundo a lenda, o uso de alguma roupa com a pele da lontra tornava um guerreiro invencível e imune a afogamentos. Na mitologia celta, a lontra era caracterizada como uma criatura amável cujas virtudes incluíam ser muito companheira do homem. Para os celtas, a lontra representava um poderoso animal de proteção, que auxiliava os homens na jornada de descoberta da sabedoria, no encontro de tesouros ou talentos interiores; também é símbolo de fidelidade, da capacidade de recuperação em momentos de crise e da importância de se saber desfrutar a vida com intensidade.

Na lenda irlandesa “Viagens de Maelduin” lontras traziam salmões para alimentar os viajantes;¹⁰ já a história “A viagem de Brendan” descreve como uma lontra garantiu a sobrevivência de um ermitão, trazendo-lhe comida e recolhendo lenha para ele. São Cuthbert é o padroeiro das lontras e conta-se que, depois de ele passar noites de meditação e vigília no Mar do Norte, duas lontras se aproximavam dele para aquecê-lo com sua pele e esquentar-lhe os pés com sua respiração.

A lontra, considerada um animal mágico pelos celtas, ressurge no poema de Heaney:

Quando você mergulhava
A luz da Toscana tremulava
E oscilava na lagoa
De alto a baixo.
Amava a frente ensopada e o nado livre admirável,
O dorso e os ombros de bom nadador
Vindo à tona e de novo vindo à tona
Este ano e todo ano desde então.¹¹

As primeiras estrofes do poema apresentam a intensa e íntima relação de uma *persona* com o animal, em uma visão que, pela memória, recupera um momento do passado; a descrição feita pelo observador dos movimentos da lontra reforça a agilidade do corpo

⁹ Nascido na Irlanda do Norte em 1939, o poeta, ensaísta e tradutor Seamus Heaney, que tem mais de 30 livros publicados, recebeu o Prêmio Nobel de Literatura em 1995. O poema “A lontra” está em HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

¹⁰ Encontradas no manuscrito intitulado “Book of the dun cow” (cerca do ano 1100), muitas das histórias sobre o heroico Maeldun e seus guerreiros se passam em territórios dominados por animais, como é o caso dos seguintes episódios: A Ilha das Formigas, A Ilha dos Grandes Pássaros, A Ilha da Besta Violenta, A Ilha dos Cavalos Gigantes, A Ilha dos Porcos Flamejantes, A Ilha dos Gatinhos, A Ilha das Ovelhas Pretas e Brancas, A Ilha do Gado Gigante, A Ilha do Falcão, entre outras. Cf. ROLLESTON. *Myths and legends of the Celtic race*, p. 211-225.

¹¹ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

do animal, nos revela a beleza de seus gestos e, sobretudo, sua ação sobre o meio. Na sequência, o poema salta do momento passado para uma visão do presente (“agora”), e a relação animal/homem mantém seu caráter de intimidade e profundidade:

(...)
Quando a seguro agora
Estamos próximos e profundos
Como a atmosfera na água.
Minhas duas mãos são sondada água.
Você é minha papável, maleável
Lontra da memória
Na lagoa do momento.¹²

A lontra é, para o observador, o símbolo palpável da presença do passado; essa “lontra da memória”, igualmente símbolo de liberdade, permite um amálgama entre passado e presente, um apagamento entre os limites de tempo ou de experiência de tempo. Por fim, reintegrada à água, a lontra perpetua seu movimento e o poema aponta para um retorno e uma permanência físicas e simbólicas da figura mitológica que, em seu papel de ponte entre realidades, imprime traços sensíveis que perdurarão sobre as pedras:

Volteando para nadar de costas,
Cada calma patada que sacode as coxas
Reinclinando a luz,
Soltando o frescor de seu colo.

E de repente você sai,
Retorna, como sempre atenta,
Na pele refrescada pesada e faceta,
Imprimindo pedras.¹³

O segundo animal mitológico aqui abordado é o veado ou cervo irlandês; chamado de *reindeer*, é o maior entre todos da mesma família, assumindo, de acordo com algumas lendas celtas, uma estatura descomunal. Muitas pessoas, na mitologia celta irlandesa, são transformadas em cervos. Conta-se, por exemplo, que a esposa de Finn foi transformada em cervo quando estava grávida e que, depois de dar à luz a uma criança humana (Oisín, filho de Finn), seguiu vivendo como *stag* (fêmea do cervo) nas florestas. Outra história conta que Gwydion e Gilfaethwy passaram um ano como cervos macho e fêmea e tiveram um filho fauno, conhecido como Hyddwn ou “bom veado”. Um tema comum nas histórias celtas é da fêmea do cervo conduzir os caçadores a mundos ocultos ou inferiores. Esses caçadores geralmente são desviados de suas atividades para um Sidhe (*orbis alia*, Outro Mundo) e necessitam da intervenção de humanos poderosos que lhes propiciem a restituição ao mundo normal.

¹² HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

¹³ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

O poema de Eiléan Ní Chuilleanáin, “A moça que se casou com o cervo”,¹⁴ dividido em quatro partes, descreve a união entre uma garota e um cervo, entre civilização e natureza. Começa com a cena de sedução que envolve os frutos colhidos. É uma cena que sugere o *hieros gamos* – cópula ou casamento entre uma divindade e um humano. No poema a ambientação mítica possibilita que os limites entre real e fantástico sejam borrados, e a natureza do instintivo emerge de uma maneira transhistórica e pré-científica. Na primeira parte, o poema informa que a moça faz livremente a escolha de seu caminho, sem imposição de nenhuma convenção ou tradição. Vale ressaltar a presença dos abrunhos, frutos da sedução, e do vento do ocaso, que reforçam a intervenção de elementos da natureza sobre o humano. Já de início a presença do cervo é anunciada e, num ato de rendição deliberada e total, a moça se une ao animal:

1

Quando ela chegou na placa indicativa
Virou à direita e andou tão longe quanto as montanhas.
Há restos de neve por baixo do arbusto espinhoso
Azulado de abrunhos. Ela encheu os bolsos.
(...)
O vento do ocaso soprou gelado contra seu ventre
(...)
Enquanto seus pés se moviam, descalços,
Enquanto suas mãos remexiam as ásperas frutas.
O cervo parou diante dela e exigiu os abrunhos.
Ela foi para casa na garupa dele sem falar nada,
Segurando a saia enrolada,
A mão livre agarrando a galhada vasta
Para se manter estável durante o longo trajeto.¹⁵

Com um *flashforward* no início da parte 2, o poema segue 13 meses após o abandono do lar pela moça, em um momento em que ela, agora mãe de um bebê, faz a viagem de volta à civilização. Nesta parte do poema há o embate entre as forças da natureza e a ação da sociedade e de seus princípios moralizantes; a moça, com roupas de seda e cabelos desembaraçados, é enfeitiçada, e esquece o tempo em que vivera com o cervo:

2

Treze meses depois de ter deixado o lar
Viajou agachada no convés de um navio mercante
Em direção ao sul pro casamento da irmã.

¹⁴ Nascida em 1942, na cidade de Cork, República da Irlanda, a poeta, editora e tradutora Eiléan Ní Chuilleanáin, tem mais de 15 livros publicados. O poema “A moça que se casou com o cervo” está em NÍ CHUILLEANÁIN. *Hábitos do musgo*, p. 120-127.

¹⁵ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

Seus olhos refletiam léguas de neve,
Os seios inchados de amamentar,
(...)
Foi encontrada cambaleante no cais;
A colocaram numa banheira com essências,
Deram-lhe um vestido de seda, desembaraçaram-lhe os cabelos.

Como poderiam deixá-la voltar para viver
Naquela casa fria com aquela estranha criatura?
(...)
Colocaram um pó na bebida dela,
Então ela esqueceu do filho, do amigo,
Da neve e do licor de abrunhos.¹⁶

Novo *flashforward* e o poema, então focalizando o momento da morte do cervo, apresenta a revelação de que este voltara à forma humana. Indicando a punição do mal, a velha que lançara a maldição sobre a moça, cai doente. O anúncio da chegada de uma criança aponta para a restituição do amor materno pelo menino:

3

O cervo morreu quando seu filho tinha dez anos.
Nu na hora da morte seu corpo era o de um homem,
Jovem, com o rosto de um velho e sulcado pela dor.

Quando a velha reconheceu sua maldição, caiu doente,
Prostrou-se em seu quarto na torre sem mais falar.
(...)
A criança vinda do norte foi ouvida no portão.¹⁷

Na última parte do poema há uma reintegração entre forças outrora separadas. Na descrição da volta do menino observamos a presença de “animais de proteção” – as andorinhas e o cervo selvagem – que servem como guias. A moça, ainda sob o efeito do feitiço lançado contra ela, não reconhece o filho. Contudo, pela ação de forças da natureza (o vento leve que passa sobre eles), tem-se a informação de que a velha feiticeira morre e que, neste mesmo momento, finalmente, a moça, reconhecendo o filho abandonado, reencontra-se com ele:

4

Guiado pelas andorinhas migrantes
O menino do norte permaneceu na arcada
(...)
Os braços em volta do pescoço de seu companheiro –

¹⁶ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

¹⁷ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

Um cervo selvagem tonto pela luz do sol.
(...)
Ele viu a mulher em largas calças de seda
Surgir da porta na base da escadaria,
(...)
Seu rosto não se alterou, embora tenha visto o garoto olhando.

Um vento leve passou sobre eles
Quando a feiticeira morreu na torre alta.
Ela reconheceu o filho naquele momento:
O corpo dele brotou à vista dela
Como uma cobra brotando do chão,
(...)
Como o encontro de dois cursos de maré, dois oceanos.¹⁸

O último exemplo da presença de um animal mitológico celta aparece no poema “O cavalo d’água”, de Nuala Ní Dhomhnaill,¹⁹ poeta irlandesa que escreve exclusivamente em gaélico, e que com frequência explora temas que se situam nos limites entre mito e realidade cotidiana.

Chamado de *kelpie*, o cavalo da água do folclore celta é considerado uma criatura que assombra lagos e rios da Irlanda. O aparecimento desse cavalo gera um grande impacto; sua pele, parecida com a das focas, geralmente é de cor negra, mas pode também ser branca e ele é identificável por sua longa cabeleira, que goteja constantemente e que pode ser representada por algas verdes. Os cavalos d’água se transformam em lindas mulheres para levar homens a armadilhas. Diz-se que a grandeza ou o esplendor do cavalo d’água se percebe pelas narinas do animal. Através de poderes de ilusionismo, ele se mantém oculto nas águas, observando a superfície só com os olhos. São criaturas perigosas com as quais se deve evitar contacto. Crianças e adultos podem ser seduzidos pelo *kelpie*, que provoca seus afogamentos e depois os come, deixando intacto apenas o coração ou o fígado.

No poema de Ní Dhomhnaill há uma subversão da versão mais conhecida desse mito e, assim, o cavalo toma forma de um homem e, aparentemente, tentará seduzir uma mulher inocente; também aqui encontramos a presença de animais de proteção, os golfinhos, que acompanham o cavalo d’água:

No início foi só em sonho
Que ele veio e deitou-se com ela.
No dia em que
Ela deveria estar cuidando das vacas

¹⁸ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

¹⁹ Nascida em 1952, em Lancashire, Inglaterra, filha de pais irlandeses, Nuala Ní Dhomhnaill mudou-se para a Irlanda com 5 anos de idade. Tem mais de 20 livros publicados. O poema “O cavalo d’água” está em DHOMHNAILL. *The water horse*, p. 19. Tradução para o inglês: Eiléan Ní Chuilleanáin. Tradução para o português: Luci Collin.

(...)
Viu os golfinhos se agrupando na baía.
Seu coração quase parou.
(...)
Foi a primeira vez que ele apareceu para ela.²⁰

O processo de reconhecimento do animal pela moça será lento. Pela longa cabeleira, primeiramente, e depois pelas orelhas, o cavalo mitológico pode ser identificado:

(...)
Ele surgiu de novo e de novo.
A princípio a roupa dele parecia muito estranha:
A couraça, a armadura para a espinha e o elmo,
As luvas compridas feitas de pele de enguia,
Todo aquele estilo fazendo lembrar
Criaturas subumanas de filmes B:

O *Monstro da Lagoa Negra*, ou um primo irlandês do
King Kong.
Mas quando ele tirou o capacete
E sua bela crina de cavalo caiu-lhe sobre os ombros
Ela viu claramente que ele era jovem.
Então chegou o dia
Ele deitou a cabeça sobre o peito dela.
(...)
E numa língua estrangeira ela compreendeu,
(...)
O pedido de que ela penteasse o cabelo dele
(...)
Ela fez o que ele pediu.
(...)
quando veio o susto
Que de novo fez parar o coração da moça: algas marinhas e musgo
Cresciam entre as raízes dos cabelos dele.
(...)
Quando sentiu as pontas das orelhas dele soube
Que não só Labhraidh Loric na antiga história
Tinha orelhas como as de um cavalo.²¹

Nova “subversão” do modelo mítico ocorre, pois, ao invés de o cavalo d’água seduzir a moça ela, arditosamente, o leva a adormecer e, assim, neutraliza o perigo que

²⁰ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

²¹ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173..

ele representava. Ao retornar à sua casa e relatar sua experiência com a estranha criatura, a moça gera a reação da comunidade, que se volta contra o animal, punindo-o severamente:

(...), e não disse nada.
Continuou a pentear o cabelo dele (...)
Cantarolando (...)
Cantigas de ninar (...)
Para acalmá-lo e induzi-lo ao sono
E então, quando ouviu a respiração dele
Mudando para a de alguém que dorme (...)
correu pra longe,
Subiu os íngremes rochedos em disparada
Até a casa de seu povo.
(...)
Quando as pessoas da casa, (...) compreenderam
O significado do que ela dizia, reconheceram
De imediato
(...) que era o cavalo da água
(...)
E partiram como uma patrulha armada
A fim de localizá-lo e matá-lo.
Depois, todos disseram que ela tivera sorte.
(...)
Um passo errado e ele (...) a teria
Engolido
(...)
Poderiam ter localizado o fígado (...) dela²²

Nas últimas estrofes, a moça se vê tomada pela lembrança saudosa da presença do estranho animal em sua vida. Uma sugestão de continuidade, de retorno, própria ao mito e seus ciclos, apresenta-se nos três últimos versos do poema:

(...)
Ficaria lá sentada na borda do penhasco
Dia após dia.
E pensava sobre o brilho esverdeado
Nos olhos do estranho que tinha olhado para ela com desejo,
Que era tão simples, limpo, claro
Em seu jeito próprio,
(...)

²² HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

Mais do que tudo, ela se lembrava da trama
Muscular do seu corpo que era tenso
E ágil como um arco esticado. A mola espiral
Enrolada, alerta, constantemente
Pronta para ser liberada outra vez.²³

Os três poemas apresentados, em que animais se religam aos homens pela ação da memória, do medo, da paixão e de outros sentimentos essenciais, pela violência e exclusão, mas também pela quebra de fronteiras e de limites, nos apresentam um uso contemporâneo de animais da mitologia celta que, distantes talvez, em um tempo remoto, pelo recurso da linguagem poética agora se aproximam de nós de uma maneira que combina e recupera passado e presente. Essa recuperação de elementos mitológicos representa mesmo uma atualização e uma aplicação do que há de modelar ao mito; conforme nos explica Eliade:

O mito garante ao homem que o que ele se prepara para fazer *já foi feito*, e ajuda-o a eliminar as dúvidas que poderia conceber quanto ao resultado de seu empreendimento. (...) Basta, simplesmente, repetir o ritual cosmogônico, e o território desconhecido (= o “Caos”) se transforma em “Cosmo”, torna-se uma *imago mundi*, uma “habitação” ritualmente legitimada. A existência de um modelo exemplar não entrava o processo criador. O modelo mítico presta-se a aplicações ilimitadas.²⁴

Ao recuperarem a condição e a ação do mito, os poemas de Heaney, Ní Chuilleanáin e Ní Dhomhnaill não pretendem ser e nem são uma garantia de ação moralizante; antes, operam uma sutil revelação de um modelo e, deste modo, os animais poetizados apresentam uma significação transcendental ao Mundo e à existência humana. Nas palavras do escritor irlandês Paul Muldoon:

Parece que em poesia, como na vida, os animais fazem surgir o melhor em nós. Somos mais humanos na presença dos animais, mais humildes, e só da humildade, da incerteza, e fora da ignorância é que a arte maior pode ser feita.²⁵

Assim, talvez a poesia, que na recuperação de animais mitológicos reaviva os paradoxos da relação entre o homem e os outros viventes não humanos, nos conduza a alguma reflexão maior sobre o antropocentrismo desumano e sobre as questões que envolvem os conflitos morais da relação contemporânea entre o homem e os outros animais.



²³ HEANEY. *Poemas 1966-1987*, p. 172-173.

²⁴ ELIADE. *Mito e realidade*, p. 125.

²⁵ “It seems that in poetry, as in life, animals bring out the best in us. We are most human in the presence of animals, most humble, and it is only out of humility, out of uncertainty, out of ignorance, that the greatest art may be made” (MULDOON. *The faber book of beasts*, p. xv.

ABSTRACT

Rooted in Celtic mythology, Irish literature, from its mythological cycles and Gaelic sagas of the Middle Ages, has thematized the intense relationship between man and animal. The epic *Táin Bó Cúailnge*, from the 8th century, chronicled the legendary story of the Brown Bull of Cooley; likewise, the parodical saga *Scél Mucci Mic Dathó* describes the battle between two kingdoms for a hound. Mythological animals reappear in pre-modern Irish literature, in the historical compilation of oral literature made by Lady Gregory in the 19th century, or in the poetry of W. B. Yeats in the 20th century. How the mythological animals appear in the contemporary Irish poetry by, for example, Seamus Heaney, Eiléan Ní Chuilleanáin and Nuala Ní Dhomhnaill, is the subject discussed here.

KEYWORDS

Zooliterature, Irish poetry, mythological animals

REFERÊNCIAS

- CUNLIFFE, B. et al. *The penguin illustrated history of Britain and Ireland*. London: Penguin, 2004.
- ELIADE, M. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- GANTZ, J. *Early Irish myths and sagas*. London: Penguin, 1981.
- HEANEY, S. *Poemas 1966-1987*. Trad. José Antônio Arantes. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- MULDOON, P. *The faber book of beasts*. London: Faber & Faber, 2010.
- NÍ CHUILLEANÁIN, E. *Hábitos do musgo*. Trad. Luci Collin. Curitiba: Kafka Edições, 2010.
- NI DHOMHNAILL, N. *The water horse*. Tradução para o inglês de e Eilean Ni Chuilleanian. Dublin: Gallery, Oldcastle, 1999.
- ROLLESTON, T. W. *Celtic myths and legends*. New York: Dover, 1990.
- ROLLESTON, T. W. *Myths and legends of the Celtic race*. Digireads Publishing: 2010.